

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)

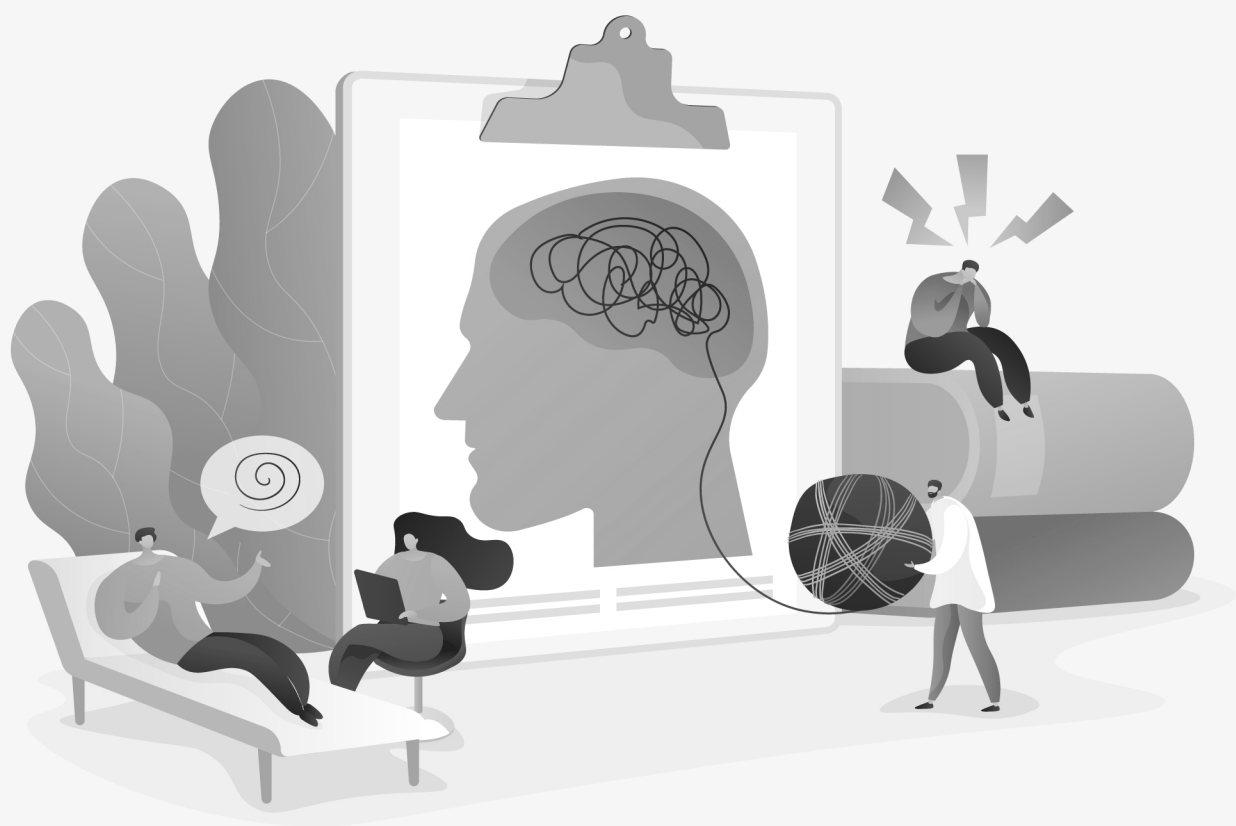


A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições

Atena
Editora
Ano 2020

x x x x x x
x x x x x x
x x x x x x
x x x x x x

*Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)*



*A Psicologia em
Diferentes Contextos e
Condições*

Atena
Editora
Ano 2020

x x x x x x
x x x x x x
x x x x x x
x x x x x x

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

Maria Alice Pinheiro

Edição de Arte

Luiza Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Dr^a Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A psicologia em diferentes contextos e condições

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Tallys Newton Fernandes de Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia em diferentes contextos e condições 1 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-187-9

DOI 10.22533/at.ed.879202007

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A importância dos estudos e investigações no segmento do desenvolvimento humano referem-se as diferentes formas de atuação e intervenção que possibilitam a potencialização da evolução humanidade através de elementos norteadores na busca por uma qualidade e excelência de vida dos seres humanos.

Neste aspecto, ao tratar de estudos direcionados ao desenvolvimento humano, destacamos elementos comuns, como o desenvolvimento físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, que vão desde o nascimento até a idade adulta. Estes elementos, que são estruturados e organizados através da atividade mental, vão se aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todos eles, plenamente desenvolvidos, busquem um estado de equilíbrio.

É importante, neste cenário, destacar que os fatores que influenciam o desenvolvimento humano são a hereditariedade, o crescimento orgânico, a maturação neurofisiológica, o meio ambiente, e os aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional, e social. Ressalta-se que todos estes aspectos relacionam-se permanentemente de modo dinâmico.

As teorias do desenvolvimento humano tem um foco específico para cada área e segmento de atuação, seguindo o seu momento histórico e objeto de estudo, assim como o seu sentido ideológico e objetivo. Tais estudos, no segmento do desenvolvimento humano, tiveram também grandes influências de autores como Piaget, Vygotsky e Wallon, que contribuíram significativamente para a transformação do conhecimento, assim também como abordagens específicas como Psicanálise, Gestalt e Behaviorismo.

Todavia, a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 1” aborda questões inerentes à “gravidez”, ao “nascimento”, à “infância” e “adolescência”. Tais artigos foram selecionados e escolhidos tendo em mente o eixo do desenvolvimento humano. Já o volume 2, também organizado pelo mesmo autor, aborda outros contextos da psicologia. Fica, aqui, um convite à leitura e apreciação.

A gravidez é um evento que é resultante da fecundação do óvulo pelo espermatozoide. Ocorre dentro do útero e é responsável pela geração de um novo ser. É um momento de grandes transformações para a mulher, física e psicologicamente, tendo em vista que, durante o percurso da gestação, o corpo sofre modificações e se preparando para o parto e para a maternidade. Mas não somente a gestante para por transformações, seu (sua) parceiro (a) e para toda família também, pois existem diferentes demandas e expectativas que possibilitaram novas mudanças na dinâmica familiar.

Após o nascimento vem a infância, que tem períodos e etapas diferentes, de acordo com o autor que esteja sendo estudado. Porém, aqui apresentaremos algumas características que alicerçam, de modo geral, a construção da personalidade do sujeito, que formarão bases no estabelecimento de condutas e valores na transposição para a adolescência e vida adulta. Dessas, destacamos as coordenações sensoriais e motoras,

configurações de percepções e hábitos, a função simbólica, a linguagem, a construção do pensamento e raciocínio, a construção da lógica e da noção de realidade, noção de moral e ética (direcionado ao respeito e obediência), pensamento dedutivo, autonomia, socialização, elaboração de significados, dedução e abstração.

Posterior a infância temos a adolescência, que é um período marcado por transformações biopsicossociais. A primeira mudança é a física, através do crescimento da estatura. Há, na adolescência, características comuns como: a busca de si mesmo e sua identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, deslocamento temporal, atitude sexual, atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, separação progressiva dos pais e constantes flutuações do humor.

Neste âmbito, é importante que estudos possibilitem a investigação sistematizada da dinâmica cultural que está em constante transformação, possibilitando novas formas de atuação na diversidade. Vale ressaltar que a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 1”, abordando “gravidez”, “nascimento”, “infância” e “adolescência”, traz questões inerentes à gestação de alto risco, ser mãe, ao luto do filho ideal, à violência sexual, à saúde mental, ao autismo, à relação cuidador-criança, à síndrome de Asperger, aos desafios na adolescência, à escola, à mutilação, as habilidades interpessoais, à depressão e pacientes terminais.

Ademais, a coletânea “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 1” explora a diversidade e construção teórica na psicologia através de estudos realizados em diferentes instituições e organizações de ensino superior, nacionais e internacionais. Como pesquisador, saliento, nesse âmbito, que é relevante a divulgação e construção contínua do conhecimento científico em benefício do desenvolvimento da sociedade. Portanto, destaco a Atena Editora como uma plataforma consolidada e confiável, em âmbito nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO NA GESTAÇÃO DE ALTO RISCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM GRUPOS	
Carine Tabaczinski	
Kélin Aparecida da Silva	
Denice Bortolin	
DOI 10.22533/at.ed.8792020071	
CAPÍTULO 2	9
ESTAR GRÁVIDA É SER MÃE? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES GRÁVIDAS SOBRE O PROCESSO GESTACIONAL	
Flora Andrade Neves Evangelista	
Leslie Maria Finger Roman	
Marília dos Santos Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.8792020072	
CAPÍTULO 3	25
LUTO PELO FILHO IDEAL: EXPERIÊNCIAS DE MÃES DE BEBÊS COM DEFICIÊNCIA	
Julia Bastos de Souza	
Amanda Ribeiro Alves Barbosa	
Miria Benincasa Gomes	
Hilda Rosa Capelão Avoglia	
DOI 10.22533/at.ed.8792020073	
CAPÍTULO 4	38
CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA INSTITUCIONAL DE ACOLHIMENTO	
Mônica Petralanda de Hollanda	
Natália de Cássia da Silva Ribeiro	
Tayana Lopes Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8792020074	
CAPÍTULO 5	44
DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO ESCOLAR EM SAÚDE MENTAL INFANTIL: UM ESTUDO OBSERVACIONAL	
Marília Ignácio de Espíndola	
Daniela Ribeiro Schneider	
Leandro Castro Oltramari	
Paulo Otávio Andrade Oliveira D' Tolis	
Douglas Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8792020075	
CAPÍTULO 6	63
ANTES DE AUTISTA, CRIANÇA: O TRABALHO DO PSICÓLOGO COM CRIANÇAS AUTISTAS	
Isabelle Cerqueira Sousa	
Raíssa Cerqueira Sousa Ferreira	
Milla Vallim	
DOI 10.22533/at.ed.8792020076	
CAPÍTULO 7	72
IMPLANTAÇÃO DE SALA DE ESPERA INFANTIL E A RELAÇÃO ENTRE CUIDADOR-CRIANÇA	
Silvia Helena de Amorim Martins	

Luiza Valeska de Mesquita Martins
Isabelle Cerqueira Sousa
Janara Pinheiro Lopes
Francisca Bertilia Chaves Costa
Leônia Cavalcante Teixeira
Ana Maria Fontenelle Catrib

DOI 10.22533/at.ed.8792020077

CAPÍTULO 8 82

TREINAMENTO EM HABILIDADES INTERPESSOAIS EM CRIANÇAS COLOMBIANAS COM SÍNDROME DE ASPERGER

María Belén García-Martín
Diana Ximena Ibáñez Vinchery

DOI 10.22533/at.ed.8792020078

CAPÍTULO 9 101

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Leidiane Fortuna Inada
Josiane Lopes

DOI 10.22533/at.ed.8792020079

CAPÍTULO 10 112

ADOLESCÊNCIA: OS DESAFIOS DE UMA FASE

Marília Gabriela Costa Rezende
Wilmar Ferreira Neves Neto

DOI 10.22533/at.ed.87920200710

CAPÍTULO 11 120

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESCOLA PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Marina Kretzer Mello
Ariela Baumgarten Rezende
Isabela Potrich de Carvalho
Marília dos Santos Amaral

DOI 10.22533/at.ed.87920200711

CAPÍTULO 12 132

A IMAGEM CORPORAL DA ADOLESCENTE AUTOMUTILADA

Amanda Ribeiro Alves Barbosa
Julia Bastos de Souza
Miria Benincasa Gomes
Hilda Rosa Capelão Avoglia

DOI 10.22533/at.ed.87920200712

CAPÍTULO 13 143

RESILIÊNCIA COMO PREDITOR DE HABILIDADES INTERPESSOAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ADOLESCENTES COLOMBIANOS VULNERÁVEIS

María Belén García-Martín
Claudia Patricia Guarnizo-Guzmán

DOI 10.22533/at.ed.87920200713

CAPÍTULO 14 161

TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR EM PUÉRPERAS ADOLESCENTES: ANÁLISE SITUACIONAL DA LITERATURA

Wellington Manoel da Silva
Maria Eduarda da Silva
Danielly Alves Mendes Barbosa
Maria Andreelly Matos de Lima
Evylyene Adlla Cavalcanti Lima
Gabriela Maria da Silva
Gabriela Ferraz dos Santos
Juliana Andrade dos Santos
Fábia Maria da Silva
Élida dos Santos de Oliveira
Ísis Catharine Rodrigues Nascimento
Tayná Maria Lima Silva

DOI 10.22533/at.ed.87920200714

CAPÍTULO 15 168

A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA EVOLUÇÃO DOS PACIENTES TERMINAIS ATRAVÉS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Danielly de Aguiar Souza
Aidecivaldo Fernandes de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.87920200715

SOBRE O ORGANIZADOR..... 178

ÍNDICE REMISSIVO 179

ESTAR GRÁVIDA É SER MÃE? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES GRÁVIDAS SOBRE O PROCESSO GESTACIONAL

Data de aceite: 05/07/2020

Data de submissão: 01/04/2020

Flora Andrade Neves Evangelista

Faculdade CESUSC

Florianópolis – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/3822745421252717>

Leslie Maria Finger Roman

Faculdade CESUSC

Florianópolis – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/6377205447395417>

Marília dos Santos Amaral

Faculdade CESUSC

Florianópolis – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/7359263849723109>

RESUMO: Este artigo objetivou identificar e analisar as Representações Sociais sobre o processo gestacional a partir das mulheres grávidas, buscando compreender os efeitos da gestação no processo psicossocial destas mulheres. Trata-se de pesquisa de campo, de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e objetivo exploratório. Os sujeitos de pesquisa foram mulheres grávidas, com faixa etária entre 18 e 40 anos, socialmente vulneráveis, participantes de um grupo de gestantes oferecido por uma ONG estabelecida

na comunidade onde vivem, em um bairro de Florianópolis, SC. Dentro deste grupo, foi realizado uma oficina e roda de conversa, com o objetivo de conhecer as Representações Sociais das gestantes. A partir dos discursos produzidos pelas grávidas fundamentou-se na perspectiva da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici para a análise dos dados. As principais Representações Sociais identificadas sobre a gestação no discurso das grávidas foram: a ausência da figura do pai, a condenação do aborto, a gravidez como algo divino e a maternidade como objetivo de vida. Essas Representações Sociais denotam uma tendência à naturalização social e cultural sobre o que é ser mulher e a maternidade que se consolida através das gerações, e que constituem o gênero feminino desde a infância como um modo de preparação para a vida adulta e para o que historicamente foi construído como seu destino biológico e seu maior desafio: exercer a maternidade. Os resultados apontaram que as representações a respeito da gestação estão centradas na experiência da maternidade, sugerindo a existência de uma organização social e cultural que desde cedo prepara as mulheres para exercerem sua suposta “natureza”: a de ser mãe. Esta naturalização indica que a reflexão

sobre o processo de gestação está representada pelas expectativas relacionadas aos papéis inerentes ao bebê e aos cuidados maternos e não na experiência gestacional.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Representações Sociais. Gravidez. Maternidade. Mulheres.

BEING PREGNANT IS BEING A MOTHER? SOCIAL REPRESENTATIONS OF PREGNANT WOMEN ON THE GESTATIONAL PROCESS

ABSTRACT: This article aims to identify and analyze the Social Representation of pregnant women about the gestational process, seeking to understand possible effects of pregnancy on the psychosocial process of these women. It refers to a field research, with a qualitative approach and exploratory objective. The research participants were pregnant women, aged between 18 and 40 years old, socially vulnerable, participating in a group of pregnant women offered by a Non-Governmental Organization (NGO) established in the community where they live, in the neighborhood of Florianópolis, SC, Brazil. Within this group, a workshop and conversation circle were held, in order to get to know the Social Representations of pregnant women. A qualitative analysis was made out of the discourses produced by the participants, based on the perspective of Serge Moscovici's Theory of Social Representations. The main Social Representations of pregnant women about pregnancy identified in this study were: the absence of the father figure, the condemnation of abortion, the pregnancy as something divine and the motherhood as a life objective. These Social Representations suggest a tendency to naturalize social and cultural roles about female and motherhood that has been consolidated through generations, and that constitute the feminine gender, since childhood, as a way of preparing for adult life and for, what may be their biggest challenge, exercising maternity. The results indicate that representations about pregnancy are centered on the motherhood future experience, suggesting the existence of a social and cultural organization that prepares women, since childhood, to exercise their supposed "nature", being a mother. This naturalization suggests the reflections about the pregnancy process are related to the baby and maternal care instead of the gestational experience itself.

KEYWORDS: Psychology. Social Representations. Pregnancy. Motherhood. Women.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a conhecer e analisar as representações sociais sobre o processo gestacional a partir das mulheres grávidas em situação de vulnerabilidade social, empenhando-se a identificar e compreender os significados atribuídos, bem como possíveis efeitos da gestação no processo psicossocial das mulheres gestantes.

Optou-se por um olhar amplo sobre o tema, de modo que abranja suas redes de relações e a forma como estas se transformam e, ao se transformarem, transformam o sujeito; além de problematizar como é experienciado pelas mulheres grávidas passar por todo o processo gestacional, atentando para possíveis demandas no campo da

pesquisa. Estas questões poderão possibilitar futuras intervenções ou reformulações nas representações sociais que possam se apresentar como problemáticas, viabilizando melhorias (se necessárias) das condições para gestantes em vulnerabilidade social, tanto em suas interações sociais, quanto em sua vivência subjetiva do processo.

Existem poucas pesquisas que abarcam Representações Sociais das grávidas sobre o processo gestacional, e, na consulta realizada nas bases de dados no campo da Saúde, observou-se que todos os estudos foram com adolescentes. Também foi notado que há uma prevalência de artigos publicados sobre Representação Social, na área de Enfermagem.

Em função da escassez de publicações científicas no campo da Psicologia, o presente trabalho coloca-se como um diferencial estratégico para oferecer material que traga maior atenção da área para o assunto, incentivando a continuidade de estudos na área, além de mais intervenções, o que daria maior amparo e possibilitaria maior aproximação de profissionais pesquisadoras(es) com as gestantes em situação de vulnerabilidade social.

2 | REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de representações sociais tem suas origens na antropologia e sociologia, intimamente ligado ao que Durkheim chamava de “representação coletiva”. Quem utilizou a nomenclatura “Representação Social” pela primeira vez foi Serge Moscovici em seu estudo sobre a representação social da psicanálise, expandindo o campo de abrangência do conceito, tendo influências das teorias da linguagem de Saussure, das representações infantis de Piaget e da teoria do desenvolvimento cultural de Vygotsky.

Segundo Oliveira e Werba (2007), as Representações Sociais caracterizam-se pelo teor popular que possuem. São “teorias” do senso comum, do saber popular, que são elaboradas e compartilhadas no coletivo, legitimados nos diálogos interpessoais do dia a dia, a fim de construir e compreender a realidade. Tais saberes populares representam a identidade de um grupo social, as regras de uma comunidade. Ajudam a compreender as preferências e os comportamentos das pessoas inseridas no meio em questão. Oliveira e Werba (2007, p.107) destacam “a importância de se conhecer essas representações para se compreender o comportamento das pessoas”.

Tem-se a tendência a rejeitar o que não é familiar, o que causa desconforto, interpretando e criando conceitos de forma a tornar o estranho familiar, trazendo maior sensação de bem-estar. No transcurso da assimilação do que é estranho, criam-se as Representações Sociais, passando por dois processos denominados *ancoragem* e *objetivação*.

Segundo Oliveira e Werba (2007, p.109), no processo de ancoragem

procuramos classificar, encontrar um lugar, para encaixar o não familiar [...] implica juízo de valor, pois ao ancorarmos, classificamos uma pessoa, ideia ou objeto e com isso

já o situamos dentro de alguma categoria que historicamente comporta esta dimensão valorativa [...]

A objetivação surge em conjunto com a ancoragem, caracterizando-se por ser o processo pelo qual se torna concreto aquilo que é abstrato. O desconhecido, que até então aparecia como ideia e imagens, é transformado em “forças concretas que constituem a realidade” (RANGEL; QUEIROZ, 2008, p. 783).

As Representações Sociais são dinâmicas e funcionam em um movimento dialético, onde os indivíduos interagem com o meio, produzindo comportamentos que modificam esse meio, enquanto também são modificados por este. Por serem dinâmicas, podem se transformar dependendo das situações e do objeto analisado. A representação social propõe-se então, a dar conta de como o social transforma um conhecimento em representação e como esta, por sua vez, transforma o social (RANGEL; QUEIROZ, 2008).

2.1 Representações Sociais Sobre a Gravidez

As Representações Sociais representam a identidade de um grupo social, com suas características, suas idiossincrasias, condições econômicas, oportunidades profissionais e de acesso à educação, condições de moradia, etc. Portanto, é possível que para um mesmo tema se encontre uma diversidade de Representações dentro de uma mesma cidade e até mesmo de um bairro.

Rangel e Queiroz (2008) estudaram a diferença da Representação Social da gravidez na adolescência entre adolescentes não grávidas, no Rio de Janeiro, de “nível sócio-econômico-demográfico (NSED)” baixo e alto, conforme classificação das autoras. Constataram que para as adolescentes com NSED alto, a gravidez nessa fase da vida trazia aspectos negativos. A maternidade remetia à ideia de impossibilitar ou dificultar seus planos futuros (de profissão e estudos, por exemplo) e dificuldades de aceitação por parte das adolescentes da transformação de seu papel de cuidada para o papel de cuidadora, dado que em NSED altos é maior a tendência de os filhos viverem e dependerem de seus pais por mais tempo.

Nas adolescentes com NSED mais baixo, foi constatado tanto representações positivas quanto negativas. As autoras afirmam que o padrão cultural vigente estimula a menina desde cedo a trilhar um caminho que coloca a mulher na posição naturalizada de dona de casa e de um ser que tem sua existência calcada em sua capacidade reprodutora, seu “instinto materno”. Segundo Rangel e Queiroz (2008), em meninas de NSED baixo este padrão pode ser muito mais arraigado do que em meninas de NSED alto, por questões de falta de oportunidades sociais, sobrando-lhes geralmente apenas o vislumbamento da maternidade e a formação de sua própria família, o que lhe concederia seu papel na sociedade, sua identidade social.

O processo de ancoragem e objetivação foi demonstrado em casos nos quais as meninas referiram-se à gravidez na adolescência como uma “bomba” em suas vidas,

ou uma “luz” (no caso das meninas de NSED baixo). De acordo com Rangel e Queiroz (2008), as adolescentes no processo de elaboração das representações positivas, utilizam a objetivação como um recurso constitutivo, atribuindo a gravidez o significado de luz.

Rodrigues et al (2009) apontam que as representações sociais da gravidez, para adolescentes grávidas, possuem uma dimensão *biopsicológica*. Tal dimensão identifica-se na ancoragem em alterações do corpo, pela presença da barriga que vai crescendo e estereotipando a gravidez; nos sentimentos conflitantes, inicialmente de negação e, posteriormente de ansiedade e preocupação com o parto e com o bebê; nos sentimentos de arrependimento com a gravidez, a partir da ideia de diminuição de autonomia pela perda de oportunidades estudos e trabalho, de divertimentos oportunizados para adolescentes; além de perdas relacionadas aos problemas enfrentados com a família. Entre os problemas familiares, aparecem o abandono ou alteração de afeto do namorado, que coloca em dúvida a própria paternidade; e sentimentos de ambivalência entre a fantasia de ser mãe e a realidade de uma gravidez adolescente “estereotipada como prisão através das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do papel e pela perda de liberdade” (RODRIGUES et al, 2009, p. 461).

De acordo com Souza, Nóbrega e Coutinho (2012), as Representações Sociais das adolescentes fundamentavam-se em uma dicotomia de angústia e desejo. De um lado a angústia, vivenciada pela censura moral caracterizada pela cobrança do aumento das responsabilidades em virtude do filho que está por nascer ou pela alcunha de irresponsabilidade atribuída à adolescente por estar grávida. A angústia também é fruto dos sentimentos de perdas e medos relacionadas com a gravidez. Em via de regra, estes sentimentos relacionavam-se com os medos de perder a liberdade, a juventude, a identidade e o grupo a qual pertence, o respeito social, medo de interromper seus projetos de vida, atrapalhar os estudos, entre outros, corroborando os resultados obtidos por Rodrigues et al (2009).

O desejo de tornar-se mãe aparece pelo menos de uma forma inconsciente. Imbuídas do pensamento mágico, definido pelas autoras como “a fantasia de imunidade e isenção da possibilidade de engravidar numa relação sexual” (SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012, p. 593) ou mobilizadas pelo desejo inconsciente de uma gravidez, as adolescentes entrevistadas declararam que embora tivessem conhecimento de métodos contraceptivos, não fizeram uso de nenhum destes. Os discursos refletem a ambivalência quando afirmam o desejo e a felicidade de ter o filho, mas que prefeririam que fosse em condições planejadas.

É possível perceber movimentos similares nas descobertas das autoras e dos autores abordados, com relação ao sentimento de ambivalência que parece estar presente, principalmente em adolescentes grávidas em situação de vulnerabilidade social. No entanto, vale ressaltar que também vivenciam o sentimento de angústia, objetivando a vivência da gravidez como sendo uma “prisão” ou uma “bomba”. Este sentimento foi

demonstrado em adolescentes que não estavam grávidas, em Rangel e Queiroz (2008) bem como em adolescentes que estavam grávidas, como em Rodrigues et al (2009) e Souza, Nóbrega e Coutinho (2012).

É importante ressaltar que na literatura científica consultada até o período desta pesquisa, encontrou-se apenas estudos com adolescentes. Acredita-se possível traçar paralelos que permitam a delimitação de estudos e discussões a respeito da gestação em contextos de vulnerabilidade social, indo ao encontro do que se objetiva nesta pesquisa.

3 | MÉTODO

Essa é uma pesquisa aplicada, qualitativa, de campo, caracterizada pela realização de intervenções junto a pessoas com o objetivo de obter dados. Esta forma de pesquisa foi escolhida por permitir maior contato com as gestantes, possibilitando aprofundamento do conhecimento a respeito de seus modos de vida e o contexto onde estão inseridas com o intuito de abarcar de forma mais clara e abrangente, as representações sociais presentes em seus discursos e formas de agir.

Os sujeitos da pesquisa são mulheres grávidas participantes de um grupo de gestantes que se reúnem todas as terças-feiras em uma ONG (Organização Não Governamental) em um bairro da periferia da cidade de Florianópolis. O encontro inicia às 15 horas com uma atividade de tricô dos enxovais e se encerra com uma palestra entre 16h e 16h30; no final do encontro as participantes recebem uma cesta básica. Durante os dias da pesquisa, o grupo estava composto por oito mulheres, com idades variando entre 18 e 40 anos, apenas duas delas estavam na primeira gestação, sendo que todas vivem em condições de vulnerabilidade social. O quadro 1 apresenta dados gerais das grávidas pesquisadas.

Nome fictício	Idade	Número de gestações anteriores
Andrea	18	0
Anita	25	1
Daphne	22	2
Jesse	18	0
Luisa	32	3
Marlene	38	3
Mirian	19	0
Rita	40	7

Quadro 1 – Dados gerais dos sujeitos de pesquisa.

Fonte: elaborado pelas autoras.

A coleta de dados foi realizada em um encontro na sede da ONG. Neste dia foi cedido todo o espaço de tempo compreendido entre as atividades do tricô e a palestra, perfazendo 1h30 de duração. Na chegada à sede da ONG, as pesquisadoras se apresentaram, explicaram a pesquisa e solicitaram permissão para gravar. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e assinado por elas ao final do encontro.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram oficina, roda de conversa e observações. Para estabelecimento do vínculo inicial, foram confeccionados previamente e entregues às gestantes, crachás onde elas pudessem colocar seus nomes e o do bebê e pendurar em suas casas, caso desejassem. Esta primeira etapa foi importante para o início das interações e minimização de algumas resistências. Na sequência, iniciaram-se as atividades da oficina.

3.1 A Oficina

A oficina começou com uma atividade de aquecimento utilizando um novelo de linha multicolorido, instigando uma reflexão a partir da teia formada pela linha que se entrecruzava, relacionando-a com os seus caminhos, que todas as terças-feiras se cruzavam naquele espaço, com suas histórias particulares, dividindo e compartilhando seus processos da gravidez. Na sequência, colocou-se à disposição das participantes materiais para colagens e pinturas, instruindo-as que procurassem nas revistas gravuras, palavras ou frases que tivessem relação com sua gravidez e criassem uma imagem sobre o que a gestação representava para elas.

Visando o aumento da produção de significados e possibilitando o surgimento de reflexões espontâneas por meio de manifestações apresentadas pelas companheiras, a atividade de colagem foi seguida de uma roda de conversa. Nesse momento, as gestantes puderam expressar verbalmente no coletivo o que já havia sido exposto nas imagens.

O áudio da oficina foi gravado com a anuência escrita (TCLE) de todas as participantes.

4 | RESULTADOS

Após o término da oficina foi gravado diário de campo para o registro dos dados importantes. Na sequência foi realizada a transcrição da gravação do encontro, bem como a discussão de impressões sobre alguns pontos importantes relativos às observações feitas no local. Os discursos de cada uma das grávidas foram analisados pela perspectiva das Teoria das Representações Sociais, de Moscovici, com foco na compreensão dos significados da gravidez naquele contexto.

A partir da análise das idades e do número de gestações foi possível identificar que todas as mulheres eram gestantes adolescentes ou haviam sido grávidas primíparas¹ na adolescência. O número de gestações anteriores variou de nenhuma a sete, tendo sido

¹ Primípara: descreve a mulher que se encontra grávida pela primeira vez

relatado um caso de aborto espontâneo. O Quadro 2 mostra a relação das gestantes, o número de gravidez e a idade da primeira gestação.

Nome fictício	Idade	Número de gestações anteriores	Idade da primeira gestação
Andrea	18	0	18
Anita	25	1	19
Daphne	22	2	18
Jesse	18	0	18
Luisa	32	3	16
Marlene	38	3	18
Mirian	19	0	19
Rita	40	7	17

Quadro 2. Relação entre idade e número de gestações.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observou-se que nenhuma das participantes estudava ou exercia função remunerada. Ao serem questionadas sobre estudos, todas responderam que não estudam e que a gravidez não interferiu nos seus planos, com exceção de Anita (25) que parou de estudar quando engravidou do primeiro filho.

Os relatos das participantes demonstraram a importância dada por elas à formação de família e à afirmação dos seus lugares dentro do meio em que pertencem. Todas se declararam casadas, não significando, entretanto, uniões formais ou mesmo estáveis aos moldes religiosos ou jurídicos. O papel de provedor da família apareceu como uma função destinada ao homem como marca o discurso de Daphne sobre a posição masculina de provedor do lar “*É, o homem que se vire!*”, referindo-se ao trabalho.

Pôde-se observar a partir da fala das gestantes, que as principais Representações Sociais das grávidas sobre a gestação podem ser categorizadas em quatro eixos temáticos principais: *a gravidez como algo divino, a condenação do aborto, a ausência da figura do pai, e a maternidade como objetivo de vida*. Essas categorias denotam uma tendência à naturalização social e histórica sobre o que é ser mulher e a maternidade, que se consolida através das gerações e que constituem o gênero feminino desde a infância como enredo de um destino biológico, isto é, um modo de preparação para a vida adulta e para o exercício r da maternidade.

5 | ANÁLISE

5.1 A Gravidez como Algo Divino

Observou-se que em alguns momentos a representação da gravidez como algo divino possibilitou que muitas mulheres se manifestassem, mas também fez com que algumas vozes e opiniões fossem caladas pelo discurso da maioria. Observou-se que esta dimensão da divindade não se restringe ao caráter religioso, mas perpassa ao campo da aceitação e da explicação daquilo que foge ao controle. Marlene (38), por exemplo, atribui a gravidez a algo que estava além de seus próprios limites, e portanto, inquestionável, que se realiza com a retirada do DIU (Dispositivo Intra Uterino):

... no fundo, eu sempre quis, eu usei o DIU 16 anos, eu tirei por causa tava dando muito problema, aí foi assim ó, eu tirei ele hoje, depois de três dia já menstruei, e na outra semana já engravidei (MARLENE, 38).

Estar grávida como uma “benção de Deus” foi uma mensagem transmitida pela maioria das mulheres no grupo, não se sabe ao certo, se este coro é uníssono. Observou-se na fala de Jesse (18), uma ambiguidade, não explorada por sair do escopo deste trabalho, parecendo sempre não revelar, escondendo-se na sua voz tímida e no clichê da maioria. Nas suas colagens, percebe-se apenas a presença do bebê, sugerindo que ela se retira do cenário da mesma forma com que não se colocou no grupo. Em seu discurso, o divino se manifesta como revelador da gravidez por meio de uma criança. Foi a sobrinha do namorado que ao se aproximar de Jesse (18), denunciou, segundo ela, de uma forma “quase que sobrenatural”, sua gestação, anunciada por outros:

Tava muito grudada em mim. E ela nunca foi com a minha cara! Porque minha... ela nunca chegou perto de mim. De repente ela... sabe? Se aproximou tanto. Daí eu assim: Pô, eu vô fazer esse exame... (JESSE, 18)

Analisar a representação da gravidez como algo divino é discutir a ideia de que existe algo maior na decisão de uma mulher em ter um filho, algo que foge ao seu controle, e que por meio do divino se manifesta, algo que “... *veio por impulso*”, como diz Daphne. É possível considerar que esta categoria de Representação Social se associa em alguns contextos à ideia construída e dissipada pela Igreja Católica sobre a Virgem Maria. Desta forma, a gravidez é ancorada à aceitação da maternidade como uma meta de vida a ser cumprida sem questionamentos, dentro dos planos traçados pela divindade.

A Virgem Maria, neste caso, aparece como a objetivação desta realidade e representa um caráter universal e homogêneo perante todas as outras mulheres, o padrão da superioridade espiritual feminina, em que se evidenciam as noções de maternidade, o modelo maternal a ser seguido, embora intrinsecamente impossível de ser alcançado. Segundo Jurkevics (2010), a maternidade assume em Maria um significado de ações práticas para as próprias mulheres, no que se refere aos seus papéis, tanto no âmbito doméstico, quanto social. Nesse sentido, a hierarquização sexual, e consequente

dominação masculina, necessariamente passam pela perspectiva das características femininas, sobretudo a capacidade de dar à luz, considerada algo fundamental à feminilidade e que sustentaram as construções sociais de gênero.

Geertz (1989) explica que os sujeitos frente ao desconhecido ou ainda, ao paradoxo moral, tendem a ir em busca de explicações capazes de transformar a realidade e solucionar questões. Desta forma, podem dirigir-se para crenças em deuses, espíritos, assumindo a possibilidade da existência do sobrenatural que, em última análise, sejam capazes de lhes trazer o alívio desejado. A religião serve de terreno para a compreensão dos acontecimentos cotidianos, ancorando a própria gravidez no imaginário sagrado e a objetiva enquanto desígnio supremo (GEERTZ, 1989). Neste sentido, o Anjo Gabriel anuncia à Maria a grande verdade: ela carrega o filho de Deus em seu ventre. É possível fazer uma analogia entre o anjo e a sobrinha do namorado de Jesse (18), sendo esta criança a “reveladora” de sua gravidez. Não é o filho de Deus que “virá salvar os homens”, mas é o filho de alguém que virá transformar a vida da adolescente. A ancoragem feita nas crenças espirituais e/ou religiosas objetiva-se aqui no Anjo Gabriel, representado pela menina “angelical”.

Na história bíblica, ao ser anunciada, Maria aceitou a sua gestação com humildade e resignação, apesar de estar noiva de José. Esta aceitação se observa nos discursos de algumas gestantes participantes da pesquisa, como no de Marlene “*no fundo, eu sempre quis*”. Questiona-se que discursos contrários podem ter sido silenciados por vergonha ou medo de julgamento.

5.2 A Condenação do Aborto

Esta categoria de Representação Social se refere ao modo negativo com a qual mulheres gestantes compreendem o aborto provocado pelas mulheres que decidem espontaneamente pela interrupção da gravidez. Ensinaamentos da grande maioria das religiões, propagados em geral como “inquestionáveis”, consideram a vida intrauterina sagrada e o aborto, conseqüentemente, um pecado contra ela, um assassinato. Não se investigou a religiosidade das gestantes pesquisadas, entretanto, embora o Brasil seja um país laico, questões religiosas associadas à moral parecem estar muito arraigadas nas crenças e valores da sociedade (PÉREZ, 2006).

Além disto, tais influências também estão presentes na legislação brasileira que reafirma a ideia de criminalidade associada ao aborto, permitido a interrupção da gravidez apenas nos casos previstos em Lei, ou seja, quando se trata de risco de morte para a mulher, de gravidez resultante de estupro (MORAIS, 2008) e de feto anencéfalo. A legislação instaura então uma dimensão jurídica na criminalização do aborto. Na concepção das mulheres gestantes desta pesquisa, se a religião traz o pecado, o jurídico traz o crime, como traduzido no discurso de Luísa (32) “... *cadela, cachorra, tá jogando fora e matando*”.

né? Abortando.”

A polêmica em relação às práticas abortivas faz-se presente entre os profissionais de saúde mesmo quando se trata do aborto legal, como mostra Soares (2003). Confrontados com a interrupção da gravidez de mulheres que sofreram violência doméstica, alguns profissionais revelam concepções moralistas e religiosas que as culpabilizam pela decisão. Pode-se perceber um sistema de crenças e valores pautados no senso comum, ancorado em um conjunto de símbolos e significados que envolvem a sua compreensão, e formatado de uma forma muito semelhante ao que foi encontrado no discurso da maioria das gestantes participantes deste trabalho.

Em consonância com o abordado em Santos e Diniz (2011), historicamente à mulher foi reservado o espaço privado e as funções a este atribuídas, como de cuidados com a casa, marido e filhos, estando o homem destinado ao espaço público, às funções políticas e de provedor do lar. A visão biologicista também veio a reforçar o processo de naturalização do papel da mulher como mãe e do espaço privado.

Observa-se que entre as mulheres do grupo, do mesmo modo que há uma representação naturalizada e determinista do papel da mulher como mãe e responsável pelos cuidados com seus filhos, é possível naturalizar também a abominação e o julgamento em relação às que não querem assumir e não assumem tal papel, recorrendo em alguns casos à interrupção da gravidez, como visto no discurso já mencionado, de Luísa:

[...] tantas mulheres fazendo tratamento pra engravidar, e tantas [...]Abortando. Porque o anjinho não pede pra vir no mundo né? Eu...sei lá. Eu odeio essas mulheres que fazem isso. (LUIISA, 32)

Do ponto de vista das Representações Sociais, pode-se concluir que a condenação do aborto cria suas verdades dentro de padrões morais, sociais e culturais, sedimentados historicamente pela religião e pela legislação. Pode-se dizer que sua objetivação é o próprio aborto provocado. Nesta mesma ótica, o pecado, o crime, e a concepção da mãe “má” apareceram como elementos do núcleo central que ancoram e, portanto, qualificam o ato do aborto provocado, dando-lhe significado.

5.3 A Ausência da Figura do Pai

Entre divinização da maternidade e condenações ao aborto, foi notória a falta da figura dos pais das crianças gestadas, nos discursos e colagens produzidos pelas mulheres. Marlene fez questão de pontuar na apresentação de suas colagens que:

Aqui o pai não tá aqui, mas não é porque não tá na gravura que não é importante na vida né? Eu tenho 20 anos de casado, então é minha benção, só não tá aqui. (MARLENE, 38)

No entanto, ainda que tenha destacado a importância de seu marido em sua vida, em nenhum outro momento o mencionou ou representou em sua figura paterna. Um dos prováveis fatores influenciadores desta ausência parece estar relacionado à questão das atribuições de funções associados à divisão hierárquica de gêneros, socialmente

construídas. Daphne assim como todas as outras gestantes, largou os estudos e não trabalha, ela traduz estes valores em seu discurso quando fala:

[...] o homem que se vire! Eu falo bem assim pro meu! Se vire! [...] Tem tanta gente que é aleijada, que tem um monte de problema de saúde, que quer trabalhar e não pode, ele tem saúde então ele que vá trabalhar. Quando ele me tirou da casa da minha mãe ele falou 'eu vou dar de tudo', então que se vire...vai ter que me dar de tudo! (DAPHNE, 22)

A divisão das tarefas domésticas, que inclui o cuidados dos filhos, dentro das relações familiares heterossexuais reproduz um modelo tradicional que parece se perpetuar através das gerações. Este modelo tem como a referência o lugar do homem de pai-provedor, na significação da paternidade, e o da mulher como central na vida da criança, responsável pelos cuidados, pelo carinho e educação (TRINDADE; MENANDRO, 2002).

Algumas vezes os termos maternidade e gravidez são tratados como sinônimos, legitimando a função dada mulher como sendo insubstituível na criação e nos cuidados dos filhos, colocando o homem como “coadjuvante”, podendo inclusive ser “esquecido”, como mencionam Toneli et al (2011). Também o fato de ser a mulher quem carrega a criança dentro do seu corpo corrobora com a ideia de que o amor de mãe é mais forte, natural e instintivo se comparado ao amor do pai, implicando uma concepção de que este estaria menos apto a exercer o papel daquele que cuida da prole. Viver em condições de vulnerabilidade social indica outro possível aspecto influenciador na formação de Representações Sociais restritas às relações entre mãe e filhos. A falta de recursos financeiros para suporte como, por exemplo, pagar alguém para assumir as tarefas “do lar”, pode lhes tomar tempo para outras coisas como descanso, acesso ao lazer e em alguns casos, trabalho. O trabalho fica então designado aos pais, que por esta razão podem passar a serem menos presentes na criação e nos cuidados com os filhos, dando maior suporte pelo lado financeiro, quando e se conseguem.

A situação do atendimento na área da saúde a estas famílias também parece dificultar a inclusão do pai neste processo. Cortez et al (2016) levantam essa questão e discutem o fato constatado, de que em sua maioria, os serviços de saúde são estruturados visando o atendimento da mulher gestante, da mãe e dos filhos, dificultando a participação do pai.

Toneli et al (2011) identificaram maior participação de jovens pais, se comparados a estudos anteriores, como uma tendência de transformação nas relações familiares. Entretanto, constataram que estes pais encontram barreiras diversas: a) institucionais, onde deparam-se com inexistência de atividades direcionadas a eles dentro do sistema de saúde; b) culturais, pois ainda aparenta ser forte a concepção de que a reprodução é “território feminino” , havendo dificuldades para os pais, perante seus empregadores, de serem liberados de seus empregos para que acompanhem suas companheiras em rotinas inerentes ao processo gestacional; c) familiares, pois quando suas parceiras não trabalham, são eles que ficam no papel de provedores ou muitas vezes ainda residem com familiares que não incentivam sua participação no processo.

Talvez estas barreiras não contribuam com mudanças no cenário e justifiquem a identificação da ausência do pai como Representação Social das grávidas sobre o processo gestacional, mesmo com as gestantes mais jovens. Diante do averiguado, ressalta-se então a importância de trazer à atenção essas questões, para que possam ser impulsionados questionamentos e transformações de valores culturais e ideias historicamente construídas que influenciam comportamentos sociais.

O exercício reflexivo sobre estas representações e suas origens, possibilita colocar em movimento o mecanismo da transformação/transcendência, quebra de tabus, construção de novas formas de funcionamento dos sistemas e das relações, buscando consequentemente diminuir possíveis sofrimentos causados por esta exclusão da figura do pai no processo da gestação e maternidade.

5.4 A Maternidade como Objetivo de Vida

Este eixo talvez seja o ponto nodal para a discussão proposta. Como já explicitado, o objetivo principal das pesquisadoras antes de ir a campo era identificar e analisar Representações Sociais referentes ao processo gestacional. O que se observou, no entanto, foram representações intrinsecamente relacionadas à *maternidade* e não propriamente com o processo físico e psíquico ocorrido desde a descoberta da gravidez, ao longo do período de gestação. Mesmo quando se elenca a condenação do aborto existe a correlação com uma maternidade negada e criminosa. Este paradigma pode ser visualizado através da forma romântica como as gestantes projetam a maternidade: feliz e agradável.

O cruzamento dos discursos com as colagens produzidas mostra como é atribuída grande importância ao fato de estarem grávidas, algumas pela primeira vez, e de afirmarem então (ou reafirmarem, no caso das múltiparas) um papel social vislumbrado, uma posição a partir da qual podem ser identificadas, reconhecidas. A situação de vulnerabilidade social em que vivem estas mulheres pode ser um indicador para que essas manifestações apareçam, apontando para uma maternidade idealizada como um objetivo de vida. Estudos como os de Rangel e Queiroz (2008); Martins (2010); Dias e Teixeira (2010) discutem a temática gravidez na adolescência, apontando a situação de vulnerabilidade, de situações desfavoráveis no contexto socioafetivo e de falta ou limitação de oportunidades como geradores de uma carência nas expectativas e construção de projetos de vida. As mulheres buscam através da maternidade um reconhecimento social nesta posição de mãe de família, de “dona de casa” como um dos projetos possíveis de reconhecimento social.

Este processo parece se perpetuar para além da adolescência, continuando fortemente marcado nos discursos das gestantes múltiparas, adultas. Ser mãe seria o ápice da experiência como mulher, um empoderamento por constatarem que são capazes de gerar uma vida, como aparece nos discursos de Jesse (18): “É um ser que tá ali

vivendo dentro da tua barriga.” e de Luísa (32): *“Ai, porque é gostoso, né? É uma vida que tu tá gerando.”*. O lugar socialmente construído e naturalizado como próprio da mulher também parece legitimar este lugar.

Santos e Diniz (2011) atribuem ao sistema capitalista a divisão de papéis específicos de gênero na sociedade, tendo sido a mulher restrita à esfera privada, enquanto ao homem é atribuído o papel social da vida pública. Neste processo de atribuição de papéis a posição doméstica reservada à mulher foi justificada por argumentações biologicistas vinculando a natureza de seus corpos (como a menstruação, a gravidez e a amamentação) à necessidade de confinamento ao espaço privado. O cuidado com os filhos também passou a ser atribuição das mulheres.

Esta naturalização do lugar da mulher como mãe pode ser analisada também sob a ótica do que alega Martins (2010, p.1374) quando diz que a mulher seria vista como um “agente de saúde primário, que assume a responsabilidade de cuidar do seu filho enquanto se encontra no ventre [...] mas também de cuidar do futuro deste através do alimentar, do vestir, de proteger, ou seja, está relacionada com a função protetora [...] da família”. Em suas colagens, Luísa (32) demonstrou claramente a valorização destes cuidados; os discursos de todas também apontaram para a mesma direção. Foi observado que o próprio grupo organizado pela ONG oferece às gestantes apenas atividades voltadas à maternidade (futuro) em si, sendo oferecidas palestras e produção de seus enxovais em crochê, reforçando tal processo.

Parece ficar claro que a maternidade, o ser mãe, é uma construção social que foi sendo historicamente estruturada e naturalizada. Questiona-se, no entanto, o processo subjetivo de cada mulher e gestante, considerando que nem sempre todas se percebem como pertencentes deste lugar, ou seja, nem toda mulher lida com a gravidez e a maternidade com naturalidade e desejo, sendo discutível se estar grávida é sempre sinônimo de ser mãe, ainda que para a amostra estudada tenha sido identificada uma relação direta e causal entre tais aspectos.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das falas nesta pesquisa observou-se a existência de uma construção histórica e social importante sobre a maternidade, girando em torno da busca pelo reconhecimento social. Ser mãe neste sentido é compreendido pelas mulheres gestantes como um objetivo de vida, como uma forma de pertencimento e validação de uma posição social do gênero feminino validado através das gerações, sugerindo a existência de uma organização social e cultural que desde cedo prepara as mulheres para exercerem sua suposta “natureza”: a de ser mãe. Desta forma, as representações das grávidas sobre a gestação foram fortemente centradas na maternidade, sendo a experiência gestacional um processo pouco problematizado e refletido.

Posicionamentos fundamentados em crenças morais e religiosas sustentaram os discursos relacionados à figura ideal de mãe, edificando representações sociais condenatórias às práticas abortivas, assim como a divinização da gravidez. No ideal materno destas mulheres, não parece ter sido reservado lugar ao pai do bebê. A importância do companheiro não surge como um dos elementos que constituem a Representação Social da Gravidez, uma vez que ele não aparece no discurso da maioria das gestantes sobre a gravidez. A carência de assistência à figura paterna no sistema público de saúde, a falta de incentivo para acompanhamento da mulher gestante no pré-natal e o número reduzido de dias da licença paternidade parecem ser agentes reforçadores deste padrão cultural que exclui o pai das representações sociais.

Outras Representações Sociais também podem ser temas importantes a serem discutidos dentro da Psicologia, pois são campos ainda pouco explorados nesta área. A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa é possível uma melhor compreensão a respeito da realidade das mulheres gestantes, oportunizando seu uso para fins de elaborações de políticas públicas e intervenções que atendam as reais demandas daquele contexto.

REFERÊNCIAS

CORTEZ, Mirian Beccheri; MACHADO, Nathália Meneghel; TRINDADE, Zeidi Araujo, SOUZA, Luiz Gustavo Silva. Profissionais de saúde e o (não)atendimento ao homem-pai: análise em representações sociais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 1, p.53-63, 12 jul. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v21i1.28323>>. Acesso em: 28 out. 2017

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p.123-131, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 1989. 323p. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

JURKEVICS, Vera Irene. Virgem Maria: paradigma da “superioridade espiritual feminina”. **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, diversidades, deslocamentos. 2010. Ago 23-26. Florianópolis. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276543954_ARQUIVO_VIRGEMMARIAParadigmadasuperioridadeespiritualfeminima.pdf> Acesso em: 24 out 2017.

MARTINS, Maria de Fátima da Silva Vieira. Imagens construídas em torno da gravidez. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 15, n. 1, p.1369-1375, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000700046&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 05 set. 2017.

MORAIS, Lorena Ribeiro de. A legislação sobre o aborto e seu impacto na saúde da mulher. **Senatus**, Brasília, v. 6, n. 1, p.50-58, maio 2008. Semestral. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131831/legislacao_aborto_impacto.pdf?sequence=6>. Acesso em: 24 out. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2017. 404p.

PÉREZ, Bárbara Angélica Gómez. **Aborto provocado**: representações sociais de mulheres. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <[http://www3.pgenf.ufba.br/tesesdissertacoes/2006/MULHER 2006/DISSER_PGENF_199_BARBARA ANGELICA.pdf](http://www3.pgenf.ufba.br/tesesdissertacoes/2006/MULHER%202006/DISSER_PGENF_199_BARBARA_ANGELICA.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2017.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psicologia Clínica**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.137-149, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200009>. Acesso em: 12 out. 2017.

SOARES, Gilberta Santos. Profissionais de saúde frente ao aborto legal no Brasil: desafios, conflitos e significados. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.399-406, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a21v19s2.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

RANGEL, Débora Luiza de Oliveira; QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo. A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 12, n. 4, p.781-789, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000400024>. Acesso em: 23 mai. 2017.

TONELLI, Maria Juracy Filgueiras et al. Paternidades e políticas de saúde no contexto da gravidez na adolescência. In: TONELLI, Maria Juracy Filgueiras et al. **O pai está esperando?**: Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. Cap. 1. p. 11-23.

TRINDADE, Zeidi Araujo; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Pais Adolescentes: Vivência E Significação. **Estudos De Psicologia**, Natal, V. 7, N. 1, P.15-23, Jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x2002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2017.

Primípara: descreve a mulher que se encontra grávida pela primeira vez

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso Sexual 39, 40, 137, 140
Acolhimento 2, 4, 6, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 76
Adaptación 82, 87, 89, 96, 97, 99, 156
Adolescência 12, 15, 21, 23, 24, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 161, 162, 163, 164, 165, 166
Aprendizagem 47, 48, 101, 103, 105, 106, 110, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131
Assistência Pré-natal 1, 2
Atenção Primária 7, 73, 74, 75, 79, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177
Autismo 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 78, 79, 82, 83, 86, 88, 96, 98, 99, 101, 102, 111
Autoimagem 132, 133, 135, 139
Automutilação 132, 133, 134, 135, 140, 141
Avaliação de Programas 45, 60, 61
Avaliação Psicológica 178

C

Ciência da Implementação 45, 48, 49
Clínica 3, 24, 37, 44, 63, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 77, 81, 98, 99, 140, 148, 159, 166
Comportamento 11, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 114, 116, 119, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 142, 143
Conduta 1, 6, 47, 103, 114, 116
Conflito 112, 117
Criança 2, 5, 17, 18, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 117, 122, 124, 139, 177
Cuidados Paliativos 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177

D

Deficiência 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 36, 40, 67, 106
Depressão 2, 3, 4, 6, 7, 34, 162, 163, 164, 165, 166, 176
Desenho 5, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 51, 54, 56, 132, 133, 136

E

Enfermagem 4, 7, 11, 24, 162, 178
Ensino Fundamental 44, 46, 47, 61, 106, 120, 121, 124, 130, 136, 137, 165
Escola 24, 42, 44, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 69, 70, 78, 105, 106, 111, 118,

119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 136, 138

Estudante 52, 127, 130

F

Figura 9, 16, 19, 21, 23, 29, 31, 33, 34, 49, 55, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 116, 132, 133, 136, 139

Filho 5, 6, 13, 16, 17, 18, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 54, 74, 77, 78, 80, 103, 112, 114, 115, 117, 119, 162, 163, 165

G

Gravidez 1, 2, 4, 5, 7, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 161, 162, 163, 164, 165

H

Habilidades Interpersonales 82, 84, 85, 86, 88, 89, 96, 97, 98, 143, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

I

Identidade 11, 12, 13, 57, 66, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 121, 124, 134, 139

Imagem Corporal 132, 133, 135, 139, 141

Inclusão Educacional 101

Intervenção Precoce 66, 71, 73, 75, 76, 78, 79, 109

Intervenção Psicológica 1, 177

L

Luto 6, 25, 26, 27, 28, 34, 36, 114, 117, 134, 139, 172, 175

M

Maternidade 3, 4, 7, 9, 10, 12, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 76

Mediação 58, 73, 77, 78, 102, 111, 122, 123

Morte 7, 18, 27, 140, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177

Mulher 2, 3, 9, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 165

P

Paciente Terminal 171

Pré-Natal 1, 2, 3, 4, 6, 7, 23, 25, 75

Prevenção Escolar 44, 45, 46

Psicanálise 11, 27, 31, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 76, 80, 81, 133, 141, 178

Psicologia 1, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 23, 24, 36, 37, 38, 43, 44, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72,

74, 77, 78, 79, 112, 116, 119, 130, 131, 132, 142, 168, 170, 171, 173, 176, 177, 178

Psicologia da Saúde 132, 168

Psicoterapia de Grupo 1

R

Representações Sociais 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 121, 122, 123, 124, 131

Resiliência 143

S

Saúde Coletiva 23, 63, 72, 73, 177, 178

Síndrome de Asperger 82, 83, 85, 86, 96, 98, 99, 111

T

Transtorno do Espectro Autista 70, 71, 101, 102

V

Violência Sexual 38, 39

Vulnerabilidade 10, 11, 13, 14, 20, 21, 38, 40, 46, 74, 75, 78, 80, 141, 165



A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 





A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

